VOZES

DO DESERTO

Davi Roballo

-DR-

VOZES

DO DESERTO

PORTO ALEGRE – RS

2025

Sumário

Prefácio 9
A anatomia do véu 11
A liturgia das cicatrizes abertas 13
A lâmpada de osso 15
A arquitetura do cativeiro voluntário 17
A incineração dos mapas 19
A corda bamba da ausência 21
O olho do colapso 23
A liturgia dos espelhos áridos 25
A escavação do eco 27
O alfaiate e o náufrago 29
O cemitério de tinta 32
A oncologia do trono 34
A ponte de absolvição 36
A quimera dos ossos sussurrantes 38
A herpetologia da sede 40
A corda bamba dos véus 42
O último idioma 44
A liturgia do abismo 46
A guerra civil das vísceras 48
A geologia do amargo 50
A escavação do infinito 52
A pesca do abismo 54
A cirurgia do espinho 56
A liturgia do espelho abissal 58
Hidrologia da rendição 60
A gravura das almas inacabadas 62
A epigrafia do choro 64
A âncora do vácuo 66
A dança dos estilhaços cegos 68
A hidrografia dos intervalos 70
O labirinto dos reflexos possuídos 72
A pirotecnia dos condenados à luz 74
O teatro dos fantoches vazios 76

A topografia do ser 78
A alquimia das crisálidas noturnas 81
A liturgia do caos original 83
A hidrografia do remorso 85
Haikai do instante suspenso 87
A arquitetura da luz despedaçada 88
A urdidura do serviço 90
O deserto dos ecos não nascidos 92
A alquimia do esquecimento estelar 94
A onda e o oceano 96
A liturgia do fruto verde 98
A farmacopeia celeste 100
A carruagem de espinhos compartilhados 102
A botânica do inesperado 104
A cartografia do inimóvel perseguidor 106
A incineração das estátuas 108
A liturgia do amanhecer em chamas 110
O batismo dos relâmpagos íntimos 113
Hidrografia da ausência 118
A liturgia das pedras calçadas 120
A botânica dos afetos 122
A ecologia das trevas autóctones 124
A economia dos grilhões fantasmas 127
A dialética do berço e da bota 129
A taberna do alvorecer 131
O ecofundamento da criação 133
A teia do eco desaparecido 135
Litografia da ausência 137
Hidrografia lunar 139
Exílio do porvir 141
Jardinagem da sombra e do mel 143
Oásis do nada saber 145
A brecha alquímica 147
O espanto da inocência 148
A pirâmide do instante 149

Correspondências intrínsecas 150
A fuga do tesouro espelhado 151
A hospedaria dos efêmeros 152
A coreografia das máscaras 154
O teatro dos véus nebulosos 156
A costura cósmica 158
O atlas dos juízes cegos 160
A rosa inversa 162
A autólise do marionetista 164
A colheita dos venenos íntimos 166
A alquimia invertida 168
O cortejo dos espelhos quebrados 170
A liturgia do animal sagrado 172
Os jardineiros da superfície 174
O náufrago das versões mortas 176
A tatuagem hereditária 178
A taça da fome espelhada 180
A cirurgia do efêmero 182
A coreografia do fio lunar 184
A alquimia do veneno circular 186
A maré do sentido adormecido 188
A anatomia do vidro vivo 190
A alquimia das algemas invisíveis 192
A coreografia da teia cósmica 194
A liturgia das marés inacabadas 196
A geologia da alegria selvagem 198
A trégua dos espectros 200
O arquipélago dos eus inumados 202
O julgamento do espelho mudo 204
A cartografia dos sussurros 206
A sinfonia do abismo cúmplice 208
Epílogo 211

PREFÁCIO

Cada página deste livro é uma lâmina afiada no fel da existência, ferindo a epiderme do tempo até expor suas veias de perguntas não cicatrizadas. *Vozes do Deserto* não se oferece como refúgio, mas como desafio: um convite a mastigar cardos da verdade até que os lábios sangrem metáforas. Aqui, as palavras não consolam — incendeiam. São brasas colocadas sob a pele da complacência, queimando mitologias pessoais até restar apenas o osso cru do real.

Há livros que são portas para mundos desconhecidos; outros, espelhos que refletem nossos rostos despidos. Este, porém, é um abismo que respira. Ao avançar, você não lerá: será lido. Cada frase é um tremor de terra que desmancha o chão das certezas, cada vírgula um convite ao salto vertiginoso. Porque alguns enigmas só se desvendam no fundo da queda, onde a luz é uma memória e o eco das próprias vozes se torna a única bússola.

O deserto que se desdobra nestas páginas não é um acidente geográfico, mas a cartografia do vazio que carregamos. São dunas feitas do que nos foi extirpado — amor que virou fenda, tempo que virou areia, histórias que o vento engoliu. Estas linhas não preenchem lacunas: sondam-nas. São fios de uma teia onde se emaranham os murmúrios das sombras, aquelas que sussurram àqueles corajosos o bastante para calar o ruído do mundo e ouvir o grito mudo da ausência.

Não espere redenção. Não busque respostas lapidadas. Este livro é um ritual de desintegração: ao fechá-lo, restará o pó de verdades moídas pelo vento e o reconhecimento de que algumas feridas são portais. Se aceitas entrar neste ermo, faça-o sabendo que não há retorno inocente. Toda jornada através do deserto deixa marcas — às vezes, cicatrizes. Às vezes, rastros de sangue na areia.

Entre estas linhas, o tempo não flui — *sangra.* Cada capítulo é um relógio de sol em pleno furacão, projetando sombras que desenham rostos desconhecidos no muro de sua própria história. O deserto aqui não é só paisagem: é um verbo. *Arranha* a garganta de quem ousa nomeá-lo, *enterra* as sementes das certezas, *dessedenta* os olhos que insistem em buscar oásis onde só há espelhos refletindo o vazio. Não se engane: até o silêncio nestas páginas é um tipo de grito, abafado pela areia movediça do que jamais conseguiremos confessar.

Há quem veja na escrita um ato de criação. Nestas páginas, porém, *escrever é escavar.* Cavamos túmulos para fantasmas que ainda respiram, exumamos memórias que nunca foram nossas, arrancamos das entranhas do léxico pedaços de carne verbal para alimentar os urubus da incompreensão. O que sobra? Ossos dispostos em forma de perguntas. Ossos que, se soprados com a força do desespero, talvez produzam uma melodia — áspera, sim, mas viva. É nessa nota quebrada que residem todas as respostas provisórias.

Se persistires até a última página, descobrirás que o deserto *te inventou.* Cada grão de areia incrustado em tua alma foi um dia parte de uma montanha — orgulhosa, sólida, intocável. O vento que agora apaga tuas pegadas é o mesmo que esculpiu os vales de teu crânio, onde os pensamentos ecoam como heresias. Não há vitória nesta travessia, apenas a humildade crua de quem, ao se ajoelhar para beber de um poço seco, vê no fundo do balde não água, mas o próprio rosto deformado pelo desejo de significado. A escolha é tua: cuspir o fel ou engoli-lo e sentir nascerem asas de abutre.

___ Davi Roballo

A ANATOMIA DO VÉU

Quem mira o mundo de demasiado perto descobre que ele não passa de um véu de poeira cósmica, tecido pelo tempo e desfeito pelo próprio sopro da existência.

Quem ousa fixar os olhos além da superfície descobre: o mundo é um bordado de fumaça. Cada montanha, cada rosto, cada cidade que se ergue orgulhosa não passa de um tremor nas mãos do tempo — agulhas invisíveis tecendo e desfazendo tramas na mesma respiração. A matéria, essa grande ilusionista, dança sua coreografia de partículas, fingindo solidez enquanto se dissolve em pó estelar entre nossos dedos.

Aqui está o segredo que os atlas não registram: as fronteiras são cicatrizes de uma pele cósmica. Os rios? Lágrimas antigas evaporadas em mitologias. As pirâmides, os arranha-céus, os altares — castelos de areia construídos sobre o vento. Observo de perto e vejo o tecido se desfiando: na ruga de um idoso brilha a Via Láctea inteira, no voo de um pássaro desenha-se o alfabeto primordial, e nas rachaduras do asfalto brotam constelações esquecidas.

Somos todos sopradores de vidro moldando quimeras. Nossas certezas são bolhas de sabão refletindo cores emprestadas. Até o amor, essa geometria sagrada que nos sustenta, revela-se um jogo de espelhos quando examinado sob a lente do átomo: duas sombras projetadas pela mesma luz, dançando num palco de poeira iluminado por sóis mortos.

Mas há beleza nessa fragilidade. O véu, mesmo translúcido, é o que nos permite sonhar formas na névoa. Aceito o desafio de mirar o abismo sem cair na tentação de nomeá-lo. Deixo que o sopro da existência me atravesse, desmanchando minha carne em nebulosas,

até que compreenda: sou tanto o observador quanto o véu observado — um fragmento consciente do mesmo mistério que me devora e me recria, infinitamente.

A verdade última não está por trás da ilusão, mas em seu movimento perpétuo: o véu que se desfaz é o próprio ato de ver.

A LITURGIA DAS CICATRIZES ABERTAS

Perdoar é rasgar a crosta que cicatriza a carne, revelando a ferida que nunca deixou de sangrar em silêncio — um testemunho mudo do que nos esfacela.

Perdoar é escavar a terra com as próprias unhas até encontrar o fogo adormecido sob a geologia do rancor. Cada perdão é um terramoto dos dentes cerrados: racha o solo das certezas, expondo raízes que respiram no escuro — serpentes de memória enroladas em torno de ossos esquecidos. A crosta que arrancamos não era proteção, mas múmia de linho grosseiro, embalsamando o pus sagrado de histórias não choradas.

Há feridas que se recusam a virar relíquia. Sangram em dialetos arcaicos, manchando o presente com hieróglifos de sal. O silêncio não as cala; apenas as transforma em rios subterrâneos que corroem os alicerces do que chamamos "sanidade". Observo meu próprio abismo: vejo atlas de cicatrizes cartografando países que nunca existiram, fronteiras desenhadas a faca na carne virgem do possível.

Mas há uma beleza perversa na carne exposta. Como vulcões que cospem verdades incandescentes, as feridas abertas iluminam a noite interior com sua lava de vergonha e desejo. Aprendi que não se perdoa com as mãos limpas, mas com os dedos sujos de próprio sangue, remexendo nas entranhas até encontrar o feto dourado da compaixão — aquele que engolimos há eras, pensando ser veneno.

O ato de perdoar é um suicídio sagrado: morremos para o gozo amargo da vingança, para o conforto podre da vitimização. Rasgamos a própria pele mítica e descobrimos, sob o teatro da dor, um oceano primitivo onde todos os erros são apenas marés. Não há inocentes

aqui, só sobreviventes de naufrágios mútuos, boiando em restos do mesmo navio queimado.

No fim, a ferida que nunca sara é a única testemunha verdadeira. Ela nos lembra que carregamos universos paralelos em cada falha cicatrizada. E quando finalmente deixamos o sal gotejar sobre ela — não para estancar, mas para consagrar —, descobrimos o paradoxo: O que nos esfacelou foi, sempre, a semente do que nos reerguerá.

A cura não está em fechar a ferida, mas em aprender a venerar sua luz fantasma — aquela que brilha com a cor do impossível perdoado.

A LÂMPADA DE OSSO

A escuridão, quando envolve a alma, é a lâmpada fria
que ilumina os ossos da verdade, despidos das roupagens
enganosas da luz.

A escuridão não é ausência. É a reveladora. Quando ela desce, como um manto de carvão polido, seus dedos gelados apagam as cores mentirosas — o dourado das máscaras, o vermelho das certezas — e só resta o esqueleto translúcido daquilo que somos. Sob essa luz negra, as verdades se erguem como fósseis: frágeis, nuas, intocáveis. Aprendi que a claridade do dia é uma costureira habilidosa; borda véus sobre os abismos. Mas a noite, ah, a noite é a dissecação divina.

Há um deserto dentro de cada um de nós onde as dunas são feitas de perguntas não respondidas. Na penumbra, elas se movem — criaturas ancestrais sussurrando cifras em línguas de areia. Observo meus próprios ossos brilharem como marfim antigo: vejo costelas marcadas por nomes que não ousei pronunciar, vértebras entalhadas com datas de mortes adiadas, um crânio que ainda guarda o eco do primeiro choro. A escuridão me ensina a ler essas inscrições. São mapas do invisível, escritos com a tinta do esquecimento.

Os sufis dizem que Deus é a escuridão entre duas estrelas. Compreendo agora: é nesse vácuo, nessa negrura fecunda, que as raízes da alma respiram. Toda luz é passageira — fogo de palha, lamparina de azeite consumido. Mas a sombra? A sombra é o útero. É onde os espelhos se quebram para mostrar o rosto que escondemos até de nós mesmos. Deixo que ela me invada, lenta, como um rio de alcatrão lavando as ferrugens da ilusão.

Não tema o breu. Ele é o alfaiate que corta os excessos, deixando apenas a armação sagrada. Veja: até as estrelas são cadáveres. Sua luz

é uma mentira que viaja milênios para nos enganar. Mas a escuridão — a escuridão é presente. É a geografia do invisível traçada em ossos, é a súplica de veludo que desnuda o que nunca soubemos nomear.

Quando a aurora voltar, com seus véus dourados, eu carregarei dentro das costelas um fragmento dessa noite perpétua. Será minha lâmpada clandestina, meu segredo anatômico: uma pequena estrela negra, pulsando no lugar onde outrora ardia o medo de ser verdade.

A mais pura verdade não é vista — é revelada pela ausência que despe o mundo, até que só reste o osso do mistério, cintilando na noite infinita de sermos.

A ARQUITETURA DO CATIVEIRO VOLUNTÁRIO

A liberdade que ostentam é uma cela sem grades, erguida com os tijolos invisíveis do medo e cimentada pelo alívio covarde da ignorância.

Chamam de liberdade a cela que constroem com as próprias mãos. Cada tijolo é um medo disfarçado de certeza, uma muralha de sussurros que dizem "assim é melhor". As paredes são transparentes, é verdade, mas quem ousa tocá-las descobre o gelo de mil desistências acumuladas. O cimento? Uma argamassa de lugares-comuns, palavras não ditas e sorrisos que petrificaram em mármore leve.

Dentro, dançam. Sim, dançam. Movem-se ao som de relógios que marcam horas inventadas, bebem o vinho aguado da conformidade e chamam essa embriaguez rasteira de "escolha". As grades são tão sutis que parecem feitas de ar — até o dia em que um passo além as revela: filamentos de angústia tecidos em tear ancestral, urdidos com os cabelos grisalhos de todos os "e se" que assassinaram ao amanhecer.

O segredo está nas abóbadas do teto: aranhas metafísicas tecem lá suas teias com fios de esquecimento. São elas que mantêm o véu, alimentando-se das asas cortadas de cada sonho transformado em pragmatismo. Os carcereiros? Não têm rosto. São ecos de pais, professores e fantasmas sociais que assinam sentenças em contratos invisíveis, onde a pena é sempre a mesma: a segurança claustrofóbica de jamais ter que voar.

Há os que desconfiam. Sentem o peso do ar, a geometria cruel dos espaços vazios. Mas a ignorância é um analgésico eficaz — anestesia a alma com histórias de portões abertos que ninguém ousa atravessar. Preferem a mentira aconchegante: fingem não ver as sombras de

algemas nos pulsos, não ouvem o rangido das dobradiças enferrujadas do possível.

Até que um dia, alguém para. Olha para as próprias mãos e vê a argila do cárcere secando entre os dedos. Percebe que as chaves estiveram sempre em seu sangue, mas exigiam o sacrifício do sangue antigo — das correntes hereditárias, dos ídolos de barro. É quando a verdadeira prisão se revela: não está nos muros, mas no medo sagrado de deixar de ser prisioneiro.

A liberdade, afinal, não se ostenta.

Arde.

O mais perigoso dos cárceres é aquele que se habita por amor às suas próprias correntes — e se chama lar.

A INCINERAÇÃO DOS MAPAS

A morte é o último suspiro do desejo, o eco vazio de todas as labaredas que cremos eternas — cinzas que o vento da existência leva para lugar nenhum.

A morte não apaga — desenha.
Ela é a última chama de um fogo que se recusa a admitir
que combustível algum era sagrado.
Veja: todo desejo é uma fagulha tentando iluminar o abismo,
e nós, pirotécnicos ingênuos, acreditamos que nosso fogo
poderia escurecer as estrelas.

As labaredas que chamávamos de eternas
eram apenas a sombra do que queimávamos para não enxergar.
Agora, na hora derradeira, o vento da existência sopra
e revela o truque: as cinzas não voam para lugar nenhum —
ficam suspensas, como um holograma de tudo que não ousamos ser.

Os místicos sabiam. Rumi dançava com seu próprio despojo,
Santo João da Cruz bebia o vinho da noite escura.
Aprendo agora sua lição terminal:
morrer é assistir ao desfile dos próprios fantasmas
vestindo roupagens de fogo e pedindo bis.
Cada memória, um braseiro que se pensava altar.
Cada amor, uma fogueira de papéis não lidos.

Mas há uma ironia divina na fumaça que resta:
o último suspiro não é fim, mas assinatura.
Ele escreve, com letras de fuligem,
a única verdade que as chamas nunca entenderam —

que o desejo de eternidade
era apenas o medo de aceitar
que já éramos cinzas desde o princípio.

E quando o vento finalmente leva o que restou,
percebemos que o vazio não é ausência,
mas o molde original.
Onde antes ardia a ilusão,
agora há espaço para o impossível:
silêncio que não dói,
escuro que não ameaça,
nada que é tudo sem precisar provar.

A morte não é a extinção da chama, mas a revelação de que o fogo sempre foi uma metáfora — e nós, a metáfora que o fogo não conseguiu consumir.

A CORDA BAMBA DA AUSÊNCIA

A esperança é um fio que nos ata ao abismo, uma corda de ilusões que nos mantém suspensos sobre o vazio que recusamos nomear.

A esperança não é um fio, é uma teia — saliva de aranha sob a língua dos desesperados. Tecida de talvez, de amanhãs hipotéticos e de segundas chances não assinadas, ela nos prende à beira do precipício como marionetes que acreditam puxar os próprios fios. Cada nó na corda é um calendário rasgado, um relógio desmontado para adiar o encontro com o vazio que respira sob nossos pés, hálito úmido de perguntas sem réplica.

Observem os equilibristas: sobem na corda-fantasma com unhas e dentes, chamando de "fé" o tremor nas pernas, de "coragem" o suor que escorre como âmbar falso. Não veem que o abismo não está abaixo, mas dentro — um oceano vertical onde navios de ossos naufragam há eras, carregando mapas de paraísos que nunca existiram. A ilusão é perfeita porque se alimenta de nossa necessidade de mentir: chamamos o véu de horizonte, a queda de voo, o silêncio de resposta.

Há os que cansam. Deixam-se balançar no trapézio gasto das certezas, entoando ladainhas para não ouvir o estalo da fibra que se desfaz. Outros, mais ousados, cortam a corda num acesso de lucidez — só para descobrir que o vazio tem fundo, e esse fundo é outro nome para o espelho. Lá, no impacto, vemos finalmente a geometria da armadilha: éramos nós os tecelões da corda, os arquitetos do abismo, os deuses bêbados que inventaram a queda para dar sentido ao pulso.